

Como citar:

Dyserinck, Hugo. O problema das *images* e *mirages* e sua pesquisa no âmbito da literatura comparada. Trad. Karola Zimmer. In: Ribeiro de Sousa, Celeste (org.). *Imagologia. Coletânea de ensaios de Hugo Dyserinck I*. São Paulo, Instituto Martius-Staden, 2005. ISBN: 85-64168-16-2. Disponível em https://docs.wixstatic.com/ugd/d9a50e_73313df309ec4f55a40093c140fb716f.pdf

O problema das *images* e *mirages* e sua pesquisa no âmbito da literatura comparada*

Hugo Dyserinck

Divergências de opinião quanto à metodologia, certamente, são muitas vezes exageradas ou, então, os interessados se empenham de tal forma na discussão, que se esquecem de dar a devida atenção à pesquisa propriamente dita. Não faltam alertas em relação a este perigo. Menos atenção tem sido dada a outro perigo, ao se considerarem discussões metodológicas tão desagradáveis, a ponto de se desistir das mesmas. A pesquisa passa, então, a ocupar-se de objetos em que o problema desagradável do método não entra em debate. Tal fato pode resultar, por sua vez, no descaso de sugestões valiosas, tanto no que se refere ao método quanto à pesquisa.

Este último aspecto parece valer, sobretudo, para um complexo de questões, até há alguns anos no centro de interesse da literatura comparada, tendo sido deslocado de uma posição principal de nossa especialidade para uma posição secundária, em que mal tem merecido atenção. Estamos falando da pesquisa, em literatura, da *imagem do outro país*, isto é, das *images* ou *mirages*, enquanto novos e importantes objetos de pesquisa, recomendados por diversos representantes da escola francesa de literatura comparada, logo após o fim da 2ª Guerra Mundial.

No livro *La littérature comparée*¹ de 1951, planejado como um pequeno manual, Marius-François Guyard, foi ao ponto de dedicar ao problema *L'étranger tel qu'on le voit*², um capítulo próprio e recomendar este aspecto da pesquisa como sendo uma tarefa nova e de grande futuro para a literatura comparada. Referiu-se a *un point de vue nouveau*³, constatou com satisfação que o interesse crescente por este ramo da pesquisa já havia levado a *un changement de perspective* e a uma *véritable renouvellement de la*

* - Dyserinck, Hugo - Zum Problem der 'images' und 'mirages' und ihrer Untersuchung im Rahmen der Vergleichenden Literaturwissenschaft. In: *Arcadia*. Zeitschrift für Vergleichende Literaturwissenschaft. Band 1, 1966, p. 108-120. Trad. Karola Maria Augusta Zimmer, pesquisadora do grupo RELLIBRA - "Relações linguísticas e literárias Brasil-Alemanha". Revisão de Celeste H. M. Ribeiro de Sousa, coordenadora do grupo.

¹ - Guyard, Marius-François. *La littérature comparée*. Paris, Presses Univ. de France, 1951. (Col. *Que sais-je?*, nº 499). As citações que se seguem provêm da primeira edição.

² - Nota da revisora: (O estrangeiro tal como é visto). Existe tradução deste capítulo em: Guyard, Marius-François - *Literatura comparada*. Trad. Mary Amazonas Leite de Barros. São Paulo, Difusão Européia do Livro, 1956.

³ - (um novo ponto de vista), id. *ibid.* (original), p. 110.

*littérature comparée*⁴ e explicou, finalmente, que os fenômenos ainda por estudar neste contexto seriam *des questions dont l'intérêt dépasse la seule littérature, pois les résoudre, c'est apprendre aux peuples à se mieux connaître en reconnaissant leurs illusions*⁵. Sabemos que a teoria de Guyard encontrou amparo ainda em um *avant-propos*⁶ de Jean-Marie Carré, em que este se manifesta expressamente a favor das concepções de seu discípulo. Jean-Marie Carré é um dos velhos mestres da literatura comparada francesa, cujo livro sobre *Les écrivains français et le mirage allemand* é citado por Guyard como exemplar para o novo ramo de pesquisa.

O que aconteceu na época tornou-se amplamente conhecido nos círculos profissionais: René Wellek, o pesquisador mais representativo dos EUA no campo da literatura comparada, no 2º volume do *Yearbook of comparative and general literature* (1953), reagiu com uma crítica, muito divulgada, ao desenvolvimento da concepção francesa de literatura comparada⁷ e, no 2º Congresso da I.C.L.A. (Chapel Hill, 1958), dirigiu-se mais uma vez, de forma enérgica, contra aquilo que considerava um desvio, tanto nas posições tradicionais dos franceses, quanto nas suas novas propostas⁸. Também a questão relativa à *imagem do outro país* foi abordada, e até focalizada de forma destacada. Wellek apontou, entre outras coisas, para o perigo do desvio em direção a fenômenos degenerativos, como havia acontecido com a *Stoffgeschichte*⁹. Wellek advertiu, também expressamente, para a possibilidade de a literatura comparada vir a tornar-se uma espécie de ciência auxiliar a serviço das relações internacionais, caso se aceitassem as propostas de Guyard e Carré. Wellek constatou que a pesquisa das *mirages* e *images*, tal como sugerida por Carré e Guyard, não era nem mesmo tarefa da ciência literária.

Em conseqüência do caráter fundamental e programático desta crítica que foi, como se sabe, bem além do problema do *L'étranger tel qu'on le voit*, alguns círculos profissionais começaram a aceitar a possibilidade de passarem a existir duas "escolas" de literatura comparada, uma francesa e uma americana. O posterior desenvolvimento em âmbito internacional mostrou, no entanto, que o receio da separação, entre duas escolas geograficamente distintas, era cada vez mais infundado, mas notou-se, de forma igualmente enfática, que o silêncio em torno do problema do *outro país* cresceu. Em certos círculos, aumentava cada vez mais a tendência para eliminar a pesquisa da *mirage* e *image* do estudo da literatura comparada, ao mesmo tempo que, no campo oposto, se prosseguia no caminho traçado por Carré, frisando de forma mais acentuada o interesse social e político, sem dar muita atenção à crítica e às indicações de Wellek.

⁴ - (mudança de perspectiva e uma verdadeira renovação da literatura comparada). id. ibid. (original), p. 111.

⁵ - (questões em que o interesse ultrapassa a própria literatura, pois resolvê-las é ensinar aos povos a se conhecerem melhor, reconhecendo suas ilusões), id. ibid. (original), p. 119.

⁶ - Prefácio. Nota da revisora.

⁷ - Trata-se do texto "The concept of comparative literature" (O conceito de literatura comparada) In: *Yearbook of comparative and general literature 2* (1953): 1-5. Nota da revisora.

⁸ - *The crisis of comparative literature*, in: Proc. Second Congress ICLA, Chapel Hill 1959, 149 ff. O ensaio encontra-se traduzido em: Coutinho & Carvalhal - *Literatura comparada. Textos fundadores*. Rio de Janeiro, Rocco, 1994, p. 108-119. Nota da revisora.

⁹ - O termo alemão *Stoffgeschichte*, surgido com o Positivismo, propunha à época, em especial entre 1920-30, um exame das múltiplas transformações e atualizações de um "assunto" ou de um "motivo" em várias obras de diferentes (ou de uma mesma) literaturas, ao longo de um determinado período de tempo, opondo-se, assim, à "pesquisa das fontes" até então praticada no âmbito da literatura comparada. É ainda hoje usado sem tradução no âmbito da disciplina. Corresponderia a algo como "história dos temas", algo como, por exemplo, o estudo diacrônico do elemento fáustico em diversas obras de várias literaturas. Nota da revisora.

Essa evolução dupla e divergente com relação ao tema não foi nada satisfatória. Em vez de se aterem ao problema em pauta, levantado por Wellek, os pontos de vista distanciaram-se cada vez mais e, no fundo, o assunto foi abandonado sem ser resolvido. Realmente, a recomendação dos comparatistas franceses quanto à pesquisa *da imagem do outro país* abriu novas perspectivas que deviam ter recebido mais atenção, apesar das restrições formuladas por Wellek contra Carré. Por outro lado, é possível detectar nas tomadas de posição de Wellek estímulos que, no decorrer de outras discussões e adotando talvez um caminho intermediário, poderiam ter se desenvolvido de forma bem mais frutífera ou positiva daquela ocorrida. A questão, que deveria ter sido esclarecida, não consistia nem, por um lado, na alternativa entre o método aplicado por Carré em *Les écrivains français et le mirage allemand* nem, por um outro, na desistência total em pesquisar a *imagem do outro país* na literatura; a pergunta deveria ser antes de tudo: a pesquisa das *mirages* e *images* tem ainda algum sentido para a pesquisa literária em geral ou para a literatura comparada em particular, algum sentido que não tenha nada a ver com aspectos primariamente sociais, psicológicos nacionais ou políticos, ou seja, existe uma pesquisa das *mirages* e *images* útil ou necessária dentro do âmbito de uma literatura comparada autônoma?

Outras tentativas de mediar ou intervir de forma esclarecedora no debate entre o ponto de vista 'americano' e o ponto de vista 'francês' não tiveram sentido e também não o teriam hoje. Pois, as tentativas de defender completamente o método de Carré, contra Wellek, só poderiam conduzir, em última análise, ao desenvolvimento de um ramo da pesquisa, sob a denominação de literatura comparada, que teria sua importância, mas que teria tanto a ver com a pesquisa literária quanto com a sociologia ou a etnopsicologia, por exemplo, quando estas se utilizam de material literário.

Esta constatação, diga-se de passagem, não implica de forma nenhuma na depreciação de pesquisas predominantemente sociológicas ou etnopsicológicas das *mirages* e *images*. O estudioso da história da literatura deve também ter o direito de se ocupar de tais estudos e deve ser-lhe permitido, partindo de seus conhecimentos especializados, entrar em um campo que está fora de sua área propriamente dita, especialmente quando ele acredita - e muitas vezes acredita com razão - contribuir, por exemplo, para o melhor conhecimento dos povos, ou mesmo para a compreensão entre os povos. Acrescente-se que não deve ser desprezado o argumento, segundo o qual pesquisas sociológicas e etnopsicológicas, no que se refere aos estereótipos e à formação de opinião só podem ser completas quando também os dados da história da literatura são incluídos e quando, portanto, historiadores da literatura estão dispostos a dar a sua contribuição¹⁰. Mas isto tudo nada tem a ver com o problema mais importante, colocado diante de nós pelos argumentos de Wellek, pertinentes e intrinsecamente corretos. O que interessa, neste momento em primeira linha, é o esclarecimento da questão mencionada e que até agora não teve resposta. Ela pode ser respondida afirmativamente, pois existem possibilidades de pesquisar a *imagem do outro* na literatura, que resistem às mais sérias objeções contra deturpações e que não deveriam ser desprezadas, sobretudo, no futuro interesse de uma literatura comparada que se preocupa, em primeiro lugar, com seu caráter de ciência da literatura.

Primeiramente, queremos afirmar que há casos comprovados em que uma *mirage* ou *image* tem, no contexto de uma determinada obra literária, uma função intrínseca ao texto, sendo, portanto, obrigatório dela tratar, nos limites inequívocos da assim chamada pesquisa interna, se se quiser captar cabalmente o dito texto em todo o

¹⁰ - Compare, entre outros, com: Abel, Miroglio - *La psychologie des peuples*. Paris 2, 1962, cap. 2.

seu significado e, de modo correspondente, no contexto maior da história da literatura¹¹. Certamente, as obras em que as imagens desempenham tal papel não são abundantes, mas elas existem e, em determinadas épocas da literatura, ocorrem com maior frequência do que em outras. O Romantismo conheceu essas *mirages*. E podemos também encontrá-las na literatura do século XX.

Na literatura do século XX, por exemplo, poderemos tratar rapidamente de um exemplo que nos parece característico sob muitos aspectos: o *Journal d'un Curé de Campagne* de Georges Bernanos. O leitor vai se recordar das diversas discussões entre o padre, já marcado pela doença, e seu colega de trabalho mais velho, o 'realista', 'enérgico', Curé de Torcy. O que acontece entre os dois religiosos - não deveriam existir dúvidas quanto a isto - constitui, com certeza, uma parte importante de todo o trágico processo que dá forma ao conteúdo do livro. Trechos importantes do que o Curé de Torcy diz ao jovem padre durante as conversas, e que evidenciam, de forma bem clara, a diferença entre o pensamento e o caráter dos dois, é um pedaço de 'image' ou 'mirage'. O Curé de Torcy, realmente, não deixa passar uma oportunidade para justificar ou, pelo menos, relacionar sua opinião, quanto aos problemas em debate, com o fato de ser flamengo. Já na primeira conversa, quando quer induzir seu jovem companheiro a ser, sobretudo, mais positivo e ter mais coragem diante da vida, ele se refere à sua ascendência flamenga. Falando de si mesmo, diante de um quadro *qui représente un Enfant Jésus bien joufflu, bien rose, entre Lâne et le boeuf*¹², um velho presente de sua madrinha, que lhe é especialmente caro, caracteriza a Flandres e os flamengos da seguinte maneira:

*Nous autres, mon petit, nous sommes des Flandres, un pays des gros buveurs, des gros mangeurs - et riches... Vous ne vous rendez pas compte, vous, les pauvres noirauds du Boulonnais, dans vos bicoques de torchis, de la richesse des Flandres, des terres noires! Faut pas trop nous demander de belles paroles qui chavirent les dames pieuses, mais nous en alignons tout de même pas mal, de mystiques, mon garçon! Et pas des mystiques poitrinaires, non. La vie ne nous fait pas peur: un bon gros sang bien rouge, bien épais, qui bat à nos tempes même quand on est plein de genièvre à ras bord, ou que la colère nous monte au nez, une colère flamende, de quoi étendre roide un boeuf - un gros sang rouge avec une pointe de sang bleu espagnol, juste assez pour le faire flamber*¹³.

Durante a conversa, na 2ª parte, quando se fala das injustiças sociais, diz-se, entre outras coisas: *Nous autres, Flamands, nous avons la révolte dans le sang! Rappelle-toi l'histoire! Les nobles et les riches ne nous ont jamais fait peur*¹⁴. É em

¹¹ - É preciso acrescentar aqui que, já em 1950, o germanista de Amsterdã Herman Meyer, numa palestra sobre *Das Bild des Holländers in der deutschen Literatur* (in: *Forsch.probleme der Vgl. Litgesch.*, Tübingen, 1951, p. 171 e seguintes) havia apontado para o fato de que, junto com as imagens de significado puramente sociológico, existem outras que inequivocamente pertencem àquela 'realidade independente' que constitui a obra de arte.

¹² - (que representa um Menino Jesus bem bochechudo, bem rosado, entre o jumento e o boi). *Journal d'un curé de campagne*, Paris, 1947, p. 18.

¹³ - (Nós, meu rapaz, nós somos da Flandres, um país de bons garfos e bons copos - e ricos... vocês não se dão conta, vocês os pobres morenos de Boulonnais, em seus casebres de pau-a-pique, da riqueza da Flandres, das terras negras! Não nos peçam palavras extremamente belas, que desvaneçam as senhoras piedosas mas, ainda assim, nós sabemos alinhar algumas, místicas, meu rapaz! E não são místicas tuberculosas, não. A vida não nos mete medo; um sangue bem grosso, bem vermelho, bem espesso, que lateja nas têmporas, mesmo quando se está encharcado de genebra até os ossos, ou quando a cólera nos sobe à cabeça, uma cólera flamenga, bastante para derrubar um boi - um grosso sangue vermelho com uma pitada de sangue espanhol, suficiente para o fazer pegar fogo). Id. *ibid.*, p. 18.

¹⁴ - (Nós, flamengos, nós temos a revolta no sangue! Lembre-se da história! Os nobres e os ricos nunca nos meteram medo). Id. *ibid.*, p.72.

torno deste pensamento que se desenvolvem os comentários do Curé de Torcy, referentes aos dois movimentos que, na sua cosmovisão, são obviamente os mais importantes movimentos revolucionários no combate a injustiças legítimas ou imaginárias, isto é, o socialismo ou comunismo e o protestantismo. Como flamengo que tem a revolta 'no sangue', ele compreende estes movimentos. Ele se recusa, portanto, a condenar radicalmente o que os soviéticos fazem para alterar as condições sociais (*je ne crois pas les russes pis que les autres*¹⁵). Falando ainda sobre os russos e esclarecendo melhor sua posição, ele diz: *Ce sont les Flamands de l'Extrême-Nord*¹⁶. Uma posição semelhante, de tolerância, é demonstrada diante do protestantismo. Sua compreensão, para com a revolta diante da injustiça, também o faz entender o jovem Lutero - pelo menos, é o que pensa. Respondendo à pergunta se ele também reza por Lutero (pouco antes, havia contado que, durante anos, havia rezado diariamente por Maxim Gorki¹⁷), ele responde: *Tous les jours. D'ailleurs, je m'appelle aussi Martin comme lui*¹⁸. Em uma conversa posterior, ele cita também Ruysbroeck: *Ruysbroeck l'Admirable, un Flamand comme moi*¹⁹.

O que existe aqui é, de fato, uma *image* ou *mirage*, um quadro demasiado conhecido, em que a Flandres aparece como uma terra cheia de força e vida, onde as pessoas 'não se deixam rebaixar' e onde as pessoas sabem combinar, de forma especialmente pitoresca, coragem de viver fundada em uma infra-estrutura agrária, com uma religiosidade profunda e ingênua. E tudo isso de uma forma que desperta a admiração dos países vizinhos. Essa 'mirage Flamand'²⁰ - como queremos denominá-la - que, na maioria das vezes, aparece na fórmula supostamente específica de uma dualidade flamenga *sensualité-mysticisme*²¹, é um dos retratos mais difundidos e mais bem sucedidos da 'imagem do outro país', existente na Europa. É uma imagem artificial, originada, em parte, na pintura flamenga dos séculos XV e XVII e, em parte, também produto de uma aspiração nacional e regional, presente na pintura e literatura belgas (tanto da parte francesa como da parte flamenga) dos séculos XIX e XX. Estas relações não precisam ser analisadas aqui mais de perto. É, de qualquer forma, evidente que Bernanos, tendo passado parte de sua juventude no norte da França, na parte da Flandres pertencente à França, usou esta *mirage* como modelo.

É igualmente significativo (e isto também é muito característico das *mirages* literárias), que ele se permita as maiores liberdades em relação a certos detalhes concretos: O Curé de Torcy designa como seu lugar de origem a região em torno de Poperinghe (uma comunidade localizada na província belga da Flandres oriental); ele narra que, para sua formação como padre, o pai enviou-o primeiro para Saint-Sulpice (portanto Paris) e, mais tarde, trouxe-o de volta, ao se mostrar pouco adaptado aos métodos aparentemente lastimáveis aí adotados, sendo então recebido pelo seu bispo num seminário da região (*avec un petit mot d'une grand'tante, supérieure des Dames de la Visitation à Namur*²²), e assim por diante. Resumindo: os relacionamentos são descritos como se na época da juventude do Curé de Torcy não tivessem existido, entre a França e a Bélgica, nem fronteiras políticas nem eclesiásticas. Parece também que Bernanos não se preocupa nem um pouco com uso da palavra *Flandres*, significando o

¹⁵ - (Não acredito mais nos russos do que nos outros). Id. *ibid.*, p. 61.

¹⁶ - (São os flamengos do extremo norte). Id. *ibid.*, p. 62.

¹⁷ - Id. *ibid.*, p. 64.

¹⁸ - (Todos os dias. Aliás também me chamo Martin como ele). Id. *ibid.*, p. 74.

¹⁹ - (Ruysbroeck, o Admirável, um flamengo como eu). Id. *ibid.*, p. 115.

²⁰ - (miragem flamenga).

²¹ - (sensualidade-misticismo).

²² - (com um bilhete de uma tia-avó, mãe-superiora das "Senhoras da Visitação" em Namur). Id. *ibid.*, p. 20.

departamento francês do Nord, predominantemente industrializado, ou as províncias flamengas predominantemente agrárias da Bélgica. Trata-se simplesmente do processo habitual de generosa sobreposição à própria realidade quando do emprego de uma *mirage*.

Mas existe algo mais: também aqui, não é por acaso que é um flamengo, e não o representante 'típico' de uma outra província francesa qualquer, a anunciar sua simpatia pelo socialismo e pelo comunismo e a relacionar isso expressamente (sem que haja um motivo direto) com a declaração de sua simpatia por Lutero. O homem do 'norte', que tende para a indignação e revolta, que também revela simpatia pelo protestantismo, sendo-lhe talvez até acessível e que, além disso, mostra um certo grau de parentesco com o mundo eslavo (!) - esta é justamente a imagem que muito bem conhecemos dos escritos de um Charles Maurras, de um Henri Massis, de um Léon Daudet e assim por diante, isto é, a imagem criada pelos representantes daquela ala católica, de orientação extrema-direita, empenhado na restauração da vida espiritual, ala que encontrou sua expressão política na 'Action Française', portanto, aquela ala com que Bernanos manteve um estreito contacto, e com que simpatizou abertamente até o ano de 1932. As oblíquas relações, em parte surpreendentes, existentes nos pensamentos do Curé de Torcy e, sobretudo, o paralelismo entre a Flandres e a Rússia têm sua origem numa imagem alimentada pelo culto à raça latina, em que ao mundo francês se contrapõe um mundo germânico-eslavo, onde de fato há revolta, protestantismo (também romantismo em oposição ao classicismo). A estrutura da imagem da Flandres veiculada pelo Curé de Torcy se identifica, portanto, com os elementos principais existentes no pensamento da 'Action Française' no que se refere ao espaço germano-eslavo e tendências similares. Apenas num aspecto existe uma importante diferença: enquanto os indícios de características ditas típicas num Maurras, Massis, Daudet, etc. são basicamente negativos, em Bernanos, eles se tornam, pelo menos em parte, nitidamente positivos. Talvez se trate de um fenômeno que levou ao rompimento com a 'Action Française'. Mas deixemos isso, porque para a definição do papel que a 'mirage flamand', em geral, desempenha no *Journal d'un Curé de Campagne*, este aspecto não é de importância decisiva.

Deixando de lado os casos, em que a pesquisa da *image* e da *mirage* pode ser realizada, sem se desistir do objetivo principal que é a interpretação da obra literária, existem ainda tarefas para este ramo de investigação que pertencem de forma evidente ao campo mais amplo da pesquisa literária, apesar de estarem, pelo seu caráter predominantemente sociológico, fora do âmbito mais estreito do 'intrinsic study of literature'.

Uma análise mais acurada de determinados pontos fracos em *Les écrivains français et le mirage allemand* de Jean-Marie Carré, bem como de alguns problemas não tratados por ele, poderia nos ajudar muito nesta tarefa. Qual era, afinal, o objetivo de Carré em seu livro? Ele queria intervir nos debates sobre a futura configuração das relações franco-alemãs, novamente colocadas na ordem do dia nos primeiros anos após a Segunda Guerra Mundial. Buscou seu ponto de partida em Mme de Staël, a quem acusou de ter introduzido na França uma falsa imagem da Alemanha e de ter, com isto, alimentado bem para além do período romântico, certas simpatias francesas, inadequadas, para com a Alemanha. Este era, porém, um objetivo compreensível, diante das condições em que o livro surgiu, mas que excede de longe todos os limites da pesquisa literária. Além disso, uma boa parte do livro ocupou-se com a imagem da Alemanha em historiadores, filósofos e mesmo escritores políticos. E, ao tratar de escritores, Carré preocupou-se muito mais com a opinião pessoal destes escritores do que com a imagem da Alemanha existente em seus livros. Resumindo: nesta obra de

qualquer forma pouco abrangente, o elemento propriamente literário ficou claramente relegado a um segundo lugar.

Sem dúvida, a *mirage allemand* que Carré tinha como ponto de partida, era sobretudo de origem literária e desenvolveu-se inicialmente dentro do âmbito do interesse literário. Como historiador da literatura, ele poderia ter-se limitado a certos aspectos que, por um lado, poderiam ter levado a uma evidente configuração científico-literária e, por outro lado, tratado de determinados problemas do ponto de vista exclusivamente científico-literário de forma mais exaustiva. De certa maneira, isto é válido já para a origem da imagem. Mas encontra sua validade suprema na questão muito mais importante do alcance de sua repercussão.

Em primeiro lugar, está o problema da difusão da *mirage allemand* durante o longo e diversificado período que Carré se propôs a estudar. Carré partiu da premissa de que as imagens falseadas da Alemanha, provenientes de Mme de Staël, eram co-responsáveis pelo desenvolvimento da política francesa em relação à Alemanha que, tanto em 1870 como em 1940, havia alcançado, nas derrotas, seu ponto mais baixo. Mas o que havia de correto nesta idéia? Hoje, quando a sociologia da literatura faz incidir seu interesse na relação entre obra e leitor e até desenvolve métodos para pesquisar essas questões, seria uma tarefa gratificante verificar de que modo uma tal imagem literária do *outro país* influencia, realmente, os juízos e preconceitos extra-literários. A ênfase, neste caso, deve ser colocada primeiro sobre o aspecto exclusivamente literário da *mirage* e, só depois, deve ser formulada a pergunta quanto ao alcance extra-literário. Enquanto as *images* ou *mirages* literárias exercerem, de fato, influência concreta sobre a opinião pública, poderão constituir objeto legítimo da pesquisa literária, pois a repercussão da literatura bem como sua gênese dela fazem parte. Mas, neste caso, também é tarefa desta pesquisa sócio-literária comprovar o como da repercussão e não apenas citar e alinhar irrefletidamente as *images* e *mirages*, sem considerar o que é importante e o que não é, como no caso de certos desdobramentos errados da *Stoffgeschichte*. Dito de outro modo: esta pesquisa só se torna científica, distinguindo-se da simples coleta de material, no momento em que a pergunta relativa à repercussão é colocada de maneira correta e passa a contribuir para sua elucidação.

Certamente não é fácil traçar as fronteiras entre uma tal pesquisa sócio-literária das *mirages* e *images*, parte legítima de uma ciência abrangente da literatura, e as pesquisas que são, sobretudo, sociológicas e se utilizam da literatura apenas com fonte. Contudo, a novíssima sociologia da literatura demonstrou que o pesquisador literário também pode usar com sucesso certos caminhos que não implicam em ultrapassar os limites de seu campo específico. Neste contexto, apontaremos apenas para as sugestões apresentadas, em tempos bem recentes e repetidas vezes, por Robert Escarpit²³.

Quem, no entanto, tiver objeções a esse caminho, por não julgar possível traçar limites nítidos em relação à sociologia, ou por julgar que já se trata de uma extrapolação do campo da respectiva competência, a esse abre-se um novo campo. A inclusão deste novo campo na ciência da literatura não é mais passível de qualquer dúvida: trata-se do papel que as *mirages* e *images* também desempenham na difusão das literaturas nacionais para além da sua origem, em consequência de sua repercussão sobre o público leitor. A imagem do outro país determina também, em última análise, as possibilidades da difusão da literatura do país em pauta em todos aqueles outros países onde a imagem obteve sucesso. Aplicado à *mirage allemand* de Carré, significa que ele poderia ter examinado a forma pela qual a respectiva imagem da Alemanha havia influenciado,

²³ - O texto de Escarpit "Os métodos da sociologia literária" encontra-se publicado em: Coutinho & Carvalho - *Literatura comparada. Textos fundadores*. Rio de Janeiro, Rocco, 1994, p. 149-156. Nota da revisora.

durante todos esses anos, a difusão da literatura alemã na França (vamos pensar em especial no problema da escolha das traduções). Não existem dúvidas de que o consumo de literatura alemã, ali provavelmente mais do que em outros países - sempre dependeu, em alto grau, das variantes da imagem da Alemanha *en vogue*.

Tais fenômenos existem de resto em quantidade nas relações literárias internacionais. Um dos exemplos mais interessantes está no fato de que a acima citada *mirage flamand* se encontra entre as mais importantes razões do sucesso obtido por autores regionalistas da literatura do sul dos Países Baixos, isto é, da literatura flamenga, nos países de língua alemã. Enquanto isso, outros autores em parte muito mais importantes, escrevendo em holandês (tanto da Holanda como da Flandres), não foram traduzidos e, assim, ficaram praticamente desconhecidos. Autores como Timmermans, Streuvels e alguns outros ofereceram, de fato, exatamente a imagem da Flandres e dos flamengos, já fixada através de uma tradição mais antiga, e que achou eco em largas camadas do público leitor alemão, onde conquistaram simpatias bem determinadas. Eles corresponderam à expectativa existente em amplos círculos com relação à literatura flamenga como sendo uma mancha colorida autônoma na palheta da literatura européia. Os autores holandeses tiveram bem mais dificuldades neste aspecto. Eles não puderam apresentar traços de caráter literário próprios, nacionais, para os quais existisse uma receptividade correspondente. E, no caso de autores flamengos, que não ofereciam estas imagens, era possível que ficassem completamente desconhecidos do público nos países de língua alemã. Nada pode ilustrar isto de forma melhor do que o fato de um flamengo como Paul van Ostaijen, um dos autores mais importantes da primeira metade deste século, proveniente da região de língua holandesa, não ter participado praticamente da fama de seus conterrâneos, nos países de língua alemã. Ele, o vanguardista internacional por excelência, simplesmente não oferecia a imagem que se fazia da Flandres. Se a *mirage* tivesse sido outra - o que de resto seria uma possibilidade - também aqui a onda de sucesso teria assumido uma forma bem diferente.

Se, por um lado, constatamos que tais aspectos da pesquisa da *mirage* e *image* não são mencionados por Jean-Marie Carré, temos, por outro lado, consciência de que não seria justo condenar, num trabalho de 1947, a falta de certas dimensões que, na época, não haviam chegado a despertar o interesse da pesquisa ou que foram suprimidas de forma consciente pelo autor. O problema da repercussão da literatura em largas faixas do público leitor começou, de fato, a despertar maior atenção há pouco tempo. No que se refere à questão de uma possível influência da *mirage allemand* sobre a difusão da literatura alemã na França, percebe-se que Carré a desprezou conscientemente em seu trabalho, pois estava interessado somente na comprovação de certas imagens da Alemanha, aceitas por determinados franceses, e no problema do seu alcance político.

Certamente, falta em Carré ainda um outro elemento, o que poderia constituir-se, de certo modo, em uma restrição a seu trabalho. Referimo-nos ao fato de que, no estreito âmbito de seu levantamento, o autor também não chegou a clarear a imagem da Alemanha configurada em Mme de Staël, nem a sua repercussão, quer em simpatizantes, quer em opositores. Essa representação da Alemanha obteve grande sucesso, sobretudo, porque os críticos franceses, ao lhe fazerem oposição, seguiram o mesmo modelo por ela delineado em *D'Allemagne*. Enquanto fatores, como Romantismo, Protestantismo, Renovação, etc. eram vistos por ela como positivos, seus adversários os viam (veja também acima a imagem da Alemanha de Maurras, Lasserre, Daudet, Massis, etc.) como características específicas alemãs que deveriam ser condenadas e combatidas - e tudo terminava no argumento principal de que Mme de Staël havia deixado de ver, que já no seu tempo a Alemanha não era mais um país

amante da paz, voltado para si mesmo, mas se achava a caminho de tornar-se um poder nitidamente agressivo e guerreiro. Considerando esses aspectos, Carré limitou-se a mostrar que muitos escritores franceses tinham sido levados, pelos erros iniciais de Mme de Staël, a admirar a Alemanha (por isso, aliás, *mirage* e não somente *image*) e, com isso, revelou simultaneamente sua simpatia por aqueles que haviam se pronunciado contra “o perigo alemão”. Mas, na realidade, o que se trata em ambos os casos, em grande parte investigados por Carré, é de uma imagem da Alemanha que, desde seu surgimento com Mme de Staël, não só era parcial, mas falsa, isto é, simplificada em sua estrutura. Carré, porém, não deu importância a estes aspectos. Pelo contrário, em mais de um ponto, especialmente naquele em que elogia autores que têm uma postura crítica em relação à Alemanha, dá a impressão - e só com muito esforço se consegue evitá-la, de que ele mesmo, durante muito tempo, se enredou nesta imagem da Alemanha e que, precisamente por causa do seu aprisionamento no problema referente à aceitação ou à recusa da *mirage*, não se encontrou mais em condições de olhar para além destas fronteiras estreitas.

É justamente esta falta de uma análise conseqüente por parte dos críticos, que nos leva finalmente, sem querer, a pensar naquela outra dimensão muito mais importante, e rigorosamente dentro da ciência da literatura, da pesquisa da *mirage* e da *image*, representando um campo de estudos em que muitas tarefas ainda aguardam solução. Estamos falando do papel das *mirages* e *images* na crítica e na ciência da literatura.

Quando Guyard pronunciou, em 1951, as palavras finais em defesa de uma investigação do *L'étranger tel qu'on le voit*, terminou dizendo, como já vimos: "les résoudre, c'est apprendre aux peuples à se mieux connaître en reconnaissant leurs illusions". Nós acreditamos, no entanto, que a ciência literária, dentro do seu campo específico de estudos, poderia encontrar, no estudo de tais ilusões, uma tarefa gratificante para, assim, delas se libertar um dia. Não se pode, de fato, negar que existam inúmeros trabalhos de crítica e história literária, em que nos deparamos sempre de novo com certas *images* e *mirages*, supostamente a serviço do esclarecimento de características específicas de obras literárias, mas que, na verdade, são apenas o resultado de preconceitos e de outras afirmações injustificadas.

Conhecemos as referências abertas ou insinuadas a respeito daquilo que, na literatura alemã, seria tipicamente alemão, referências essas, usadas com prazer em posicionamentos não alemães em relação a escritores alemães; da mesma forma, conhecemos as muitas e apreciadas referências a coisas 'tipicamente' francesas ou de 'indole' francesa, encontradas em manuais da história da literatura francesa editados fora da França, sem que aos autores tivesse ocorrido a menor dúvida quanto ao sentido das palavras ou conceitos usados.

Um exemplo muito significativo deste aspecto é encontrado aliás - para voltar mais uma vez à imagem da Flandres atrás citada - no que foi escrito sobre a posição especial da literatura escrita em francês na Flandres e na Bélgica a partir da segunda metade do século XIX. A mencionada *mirage* é encontrada a cada passo, a começar por um discípulo francês de Taine como Albert Heumann, até historiadores da literatura de língua alemã ou publicitários como Johannes Schlaf, Kurt Glaser, Otto Forst-Battaglia e o jovem Stefan Zweig²⁴. Todos eles estavam sob a influência ou o fascínio da teoria *race-milieu-moment*²⁵ e, com muito raras exceções, usavam sem maiores delongas uma

²⁴ - Compare nosso texto *Zur Sonderstellung der französisch schreibenden flämischen Autoren der Generation von 1880*. In: NSpr. 1964, p. 468 e seguintes, com *De Frans schrijvende Vlaamse auteurs van 1880 in de spiegel der Franse en Duitse literaire kritick*. In: Spiegel der Letteren 8 (1964/65), p. 9.

²⁵ - (raça-meio-momento).

terminologia (em parte, aliás, definitivamente racista), impregnada de chavões e fatores ideológicos. Este fato, finalmente, levou não só a manuais veiculadores e mantenedores de uma imagem distorcida desta literatura, como também ao impedimento de uma pesquisa séria das características próprias deste grupo de autores.

Aqui acha-se igualmente incluído aquele fenômeno, surgido no século XX, com o nome de visão “popular” da literatura. Esta distorção da história literária está igualmente ligada à movimentação subterrânea dos métodos da ciência da literatura pelo campo das *images* e *mirages*, se bem que aqui se tratasse, na maioria das vezes, da avaliação da literatura do próprio povo. O que ocorreu nesta área mostra claramente que também é errado fechar os olhos a estas relações. Depois do grande reflorescimento das teorias “populares” e raciais na literatura de língua alemã no período entre 1933 e 1945, acreditou-se, após o término da Segunda Guerra Mundial, poder resolver o problema de forma muito simples, declarando estas teorias junto com a doutrina das raças do “Terceiro Reich” como sendo um capítulo superado da história.

Na realidade, este fenômeno é - como sabemos- muito mais remoto; não se pode dizer que tenha se desenvolvido apenas em um determinado país e em determinadas condições políticas nem que, no âmbito internacional, tenha de fato sido superado em 1945. Esse fenômeno pertence de resto, em seus princípios, a uma parte da sociologia da literatura, em conjunto com as teorias de Taine e seus seguidores, pois procurava elementos da infra-estrutura literária no espírito do positivismo do século XIX, tendo-se deixado enredar, todavia, pelo pensamento “racista” sob a influência dos acontecimentos da época.

Um resultado da investigação das *mirages* e *images* que tiveram, neste caso, um importante papel, poderia consistir em que futuras pesquisas sobre o caráter próprio de determinadas literaturas nacionais ou de algumas de suas tendências pudessem ficar protegidas da influência perturbadora de opiniões ideológicas ou de outras sem *status* científico. Em outras palavras: A pesquisa da *imagem literária do outro país* (tanto pela confrontação com a realidade, como pela investigação dos processos intelectuais em que esta imagem está enraizada, etc.) poderia, de um modo geral, contribuir para desideologizar os métodos da literatura.

Resumindo: Para a futura investigação das *images* e *mirages* é preciso, de qualquer maneira, levar em conta três fatores:

1. Sua existência em determinadas obras da literatura.
2. O papel que desempenham na divulgação de traduções ou também de obras originais fora do âmbito nacional literário onde se originaram.
3. Sua presença preponderantemente perturbadora na ciência e crítica literárias.

Ao contrário de diversos métodos, até agora empregados no âmbito da literatura comparada no tratamento das *mirages* e *images*, os três caminhos aqui delineados podem, em todo caso, fazer jus à designação de “científicos”.

Por outro lado, certamente ainda se coloca o problema da pertinência da investigação científica da *imagem do outro país* à “literatura comparada”. Em outras palavras: Não se trata aqui de tarefas igualmente realizadas nas áreas específicas e tradicionais da literatura nacional? No caso do estudo da *imagem do outro país* enquanto elemento intrínseco de obras literárias, as opiniões podem apresentar-se divididas. Poderíamos afirmar com razão que, para sua análise não são, de modo nenhum, necessários “pesquisadores de literatura comparada”. Precisamente o estudo do papel da *mirage flamand*, por nós analisado em Bernanos, depõe antes a favor do que contra essa objeção; trata-se de um tema que pode ser tratado, sem dúvida, pelo romanista (isto é o especialista em história da literatura francesa), sem que este seja, por exemplo, obrigado a ocupar-se com literatura não francesa.

Argumentos decisivos contra a objeção só surgem evidentemente aqui, quando se pensa no alcance maior destas imagens, quer no alcance extra-literário quer na importância que elas têm em relação aos problemas mencionados em 2 e 3. - Mas no que se refere a estes últimos campos não deveria persistir dúvida de que se trata de tarefas evidentemente fora do âmbito da pesquisa da literatura nacional²⁶.

Finalmente seja dito, quanto ao problema global, ainda o seguinte: quando Guyard²⁷ e Carré sugeriram a pesquisa das *mirages* e *images*, o fizeram em relação à possibilidade de futuras pesquisas para uma *littérature comparée* com um programa muito específico. Sua sugestão estava também intimamente ligada à constatação de que, na literatura comparada, as pesquisas até então privilegiadas eram, em alguns aspectos, pouco satisfatórias em relação às influências literárias internacionais (*difficiles à mener, souvent décevantes*)²⁸. Será que a pesquisa das *mirages* e *images*, ao provocar *un changement de perspective*, deveria funcionar apenas como instrumento de um novo campo de estudos numa *littérature comparée* ameaçada de estagnação? Seja como for, a pesquisa da *imagem do outro país* não foi o resultado de uma necessidade científica. Ao contrário, defendemos a opinião de que os caminhos que escolhemos, desviando-nos de Guyard e Carré e, considerando as críticas formuladas por Wellek, mesmo que estejam nos limites de nosso campo de estudos, não são apenas possíveis e não são apenas estimulantes para nossa atividade. Dentro do atual quadro da ciência da literatura fica evidente, sob muitos aspectos, ser necessário enveredar por estes caminhos. De qualquer modo, eles são adequados para comprovar a necessidade de uma literatura comparada, especialmente onde ultrapassam a pesquisa da literatura nacional.

²⁶ - O autor refere-se a “literatura nacional” como simples *terminus* que viabiliza os estudos de literatura comparada. Deste conceito e do de literatura geral, Dyserinck trata em seu livro *Komparatistik: eine Einführung*. Bonn, Bouvier, 1977. Nota da revisora.

²⁷ - O ensaio de Guyard “Objeto e método da literatura comparada” encontra-se publicado em: Coutinho & Carvalhal - *Literatura comparada: Textos fundadores*. Rio de Janeiro, Rocco, p. 97-107. Nota da revisora.

²⁸ - (*difficiles de dominer e fréquemment décepcionantes*). Jean-Marie Carré: “Avant-Propos”. In: Marius-François Guyard - *La littérature comparée*. Paris, PUF, 1951.